



Poesia Afro-brasileira & Prática Docente

Elielson Figueiredo

Produto Educacional – Proposta de Ensino
Tipo – Sequências Didáticas
Edição de Autor

Elielson Figueiredo

Poesia Afro-brasileira
&
Prática Docente



NEAB

Núcleo de Estudos Afro-brasileiros | UEPA



Universidade do Estado do Pará

Reitor
Vice-Reitora
Pró-Reitora de Graduação
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação
Pró-Reitor de Extensão
Diretor do CCSE

Clay Anderson Nunes Chagas
Ilma Pastana Ferreira
Acylena Coelho Costa
Luanna de Melo Pereira Fernandes
Higson Rodrigues Coelho
Frederico Bicalho

Conselho Editorial

Profa. Dra. Aline Vieira de Albuquerque - UERJ
Profa. Dra. Marcela Cristiane Ferreira Rêgo - UEPA
Prof. Dra. Edilza Joana Oliveira Fontes - UFPA
Prof. Dr. Raimundo Santos de Castro - IFMA
Prof. Dr. Ronaldo Barros Ripardo - UNIFESSPA
Prof. Dr. Saulo Furletti - IFMG

Projeto Gráfico e Diagramação

Emerson Batista Gomes

Revisão Gramatical e Ortográfica

Ana Maria de Carvalho

Revisão Técnica

Aiala Colares Oliveira Couto
Ronilson Freitas de Souza

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Figueiredo, Elielson

Poesia afro-brasileira & prática docente [livro eletrônico] / Elielson Figueiredo. -- Belém, PA : Instituto Mãe Crioula, 2025.

PDF

ISBN 978-65-989454-4-2

1. Leitura 2. Literatura 3. Língua portuguesa (Ensino médio) 4. Poesia brasileira 5. Poesia - Estudo e ensino I. Título.

26-348413.0

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Análise literária 801.95

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/0

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.



Sobre o autor

Elielson de Souza Figueiredo

Doutor e Mestre em Estudos Literários (PPGEL-UFGA),
Professor Adjunto do Departamento de Línguas e Literaturas
(UEPA) e coordenador da Linha de Pesquisa “Tendências do
Romance Contemporâneo no Brasil e na América Latina”
vinculada ao Grupo de Pesquisa LAESP – Linguagens Artísticas e
Estilos Poéticos.

E-mail: elielson@uepa.br

ID Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9943163443684554>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3934-4903>



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Nome do produto: Poesia Afro-brasileira & Prática docente / Afro-Brazilian Poetry & Teaching Practice.

Origem do Produto: Produto Educacional derivado de Planejamento e Reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – da Universidade do Estado do Pará./ Educational Product derived from the Planning and Revision of the Pedagogical Project of the Literature Program – Portuguese Language Track – at the State University of Pará

Público-alvo: Professores de Língua Portuguesa na Educação Básica; estudantes de Licenciatura em Letras; professores de História, Sociologia e Artes interessados em abordagens multidisciplinares.

Finalidade: Este Produto Educacional tem a finalidade de propor a análise literária de poemas que pertencem ao corpus da Literatura Afro-brasileira bem como de oferecer sequências didáticas planejadas para mobilizar a compreensão estética e política do texto literário.

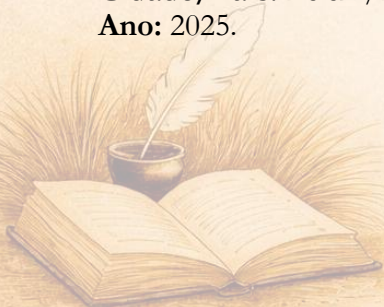
Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Médio e Formação docente inicial e continuada

Caráter inovador do PE: Médio caráter inovador por compilar análise literária e prática docentes aplicadas ao conhecimento da expressividade poética afro-brasileira e da reflexão crítica acerca do contexto sociopolítico racializado no Brasil

Setor da Sociedade beneficiado pelo impacto: Educação

Cidade/País: Belém/Brasil

Ano: 2025.



Sumário

Apresentação	9
Solano Trindade: vida, obra e importância na literatura afro-brasileira	12
<i>Capítulo I: Trabalho, historicidade e desigualdade social.</i> ..	15
Poema para leitura	15
Contrastes	15
Compreensão do poema.....	15
I. Trabalho e criação do mundo social	16
II. O corpo trabalhador e a poética da materialidade	17
III. Temporalidade social e desigualdade cotidiana	18
Prática docente	21
Sequência didática	21
I. Habilidades da BNCC mobilizadas	21
II. Objetivo de aprendizagem	22
III. Prática.....	22
IV. Avaliação.....	24
<i>Capítulo II: Denúncia social e cronotopo urbano.</i>	25
Poema para leitura:	25
Tem gente com fome	25
Compreensão do poema.....	25
I. A máquina que denuncia.....	25
II. Espaço urbano e cronotopo da desigualdade	26
III. A multidão silenciosa	27
IV. O imperativo ético	28
V. O silêncio imposto.....	29
VI. O leitor como testemunha	30
Prática docente	31
Sequência didática	31
I. Habilidades da BNCC.....	31
II. Objetivo de aprendizagem	31
III. Prática.....	32
IV. Avaliação.....	34
<i>Capítulo III: Canto, repetição e memória diaspórica.</i>	35



Poema para leitura	35
Congo.....	35
Sugestão de leitura:	34
Repetição sonora e materialidade da experiência	34
Chuva, canto e memória coletiva.....	35
A metáfora da chuva e o luto da diáspora.....	37
Sintaxe, identidade e pertencimento	37
Deslocamento e perda do lugar	38
Prática docente	40
Sequência didática	40
I. Habilidades da BNCC.....	40
II. Objetivo de aprendizagem	41
III. Prática.....	41
IV. Avaliação.....	42
Referências	43

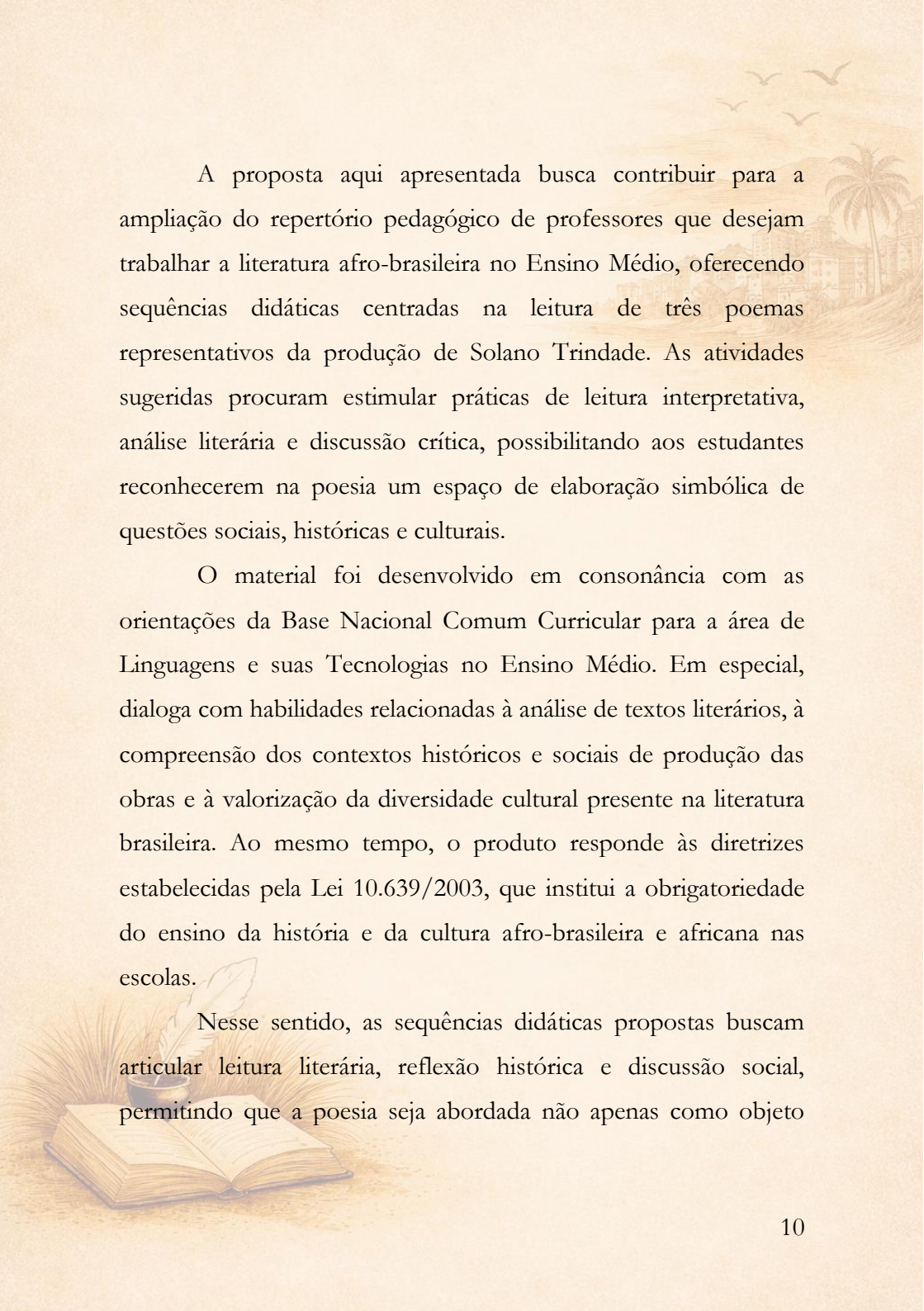


Apresentação

Este produto educacional foi elaborado como material de apoio pedagógico destinado a professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Médio e a professores em formação inicial ou continuada. Seu objetivo é oferecer subsídios teóricos e metodológicos para o trabalho com a poesia de Solano Trindade em sala de aula a partir de propostas de leitura e análise que articulem literatura, crítica social e reflexão sobre a experiência histórica da população negra no Brasil.

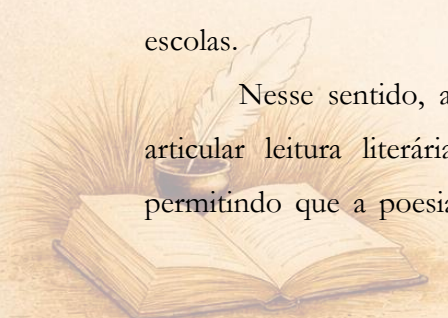
A literatura afro-brasileira ocupa um lugar fundamental na construção de uma educação literária comprometida com a diversidade cultural e com a valorização de vozes historicamente marginalizadas. Nesse contexto, a obra de Solano Trindade destaca-se por sua força estética e por seu caráter profundamente alinhado com a denúncia das desigualdades sociais, com a afirmação da identidade negra e com a preservação da memória cultural afro-brasileira. Seus poemas articulam oralidade, musicalidade e crítica social, produzindo textos que, ao mesmo tempo, expressam experiências históricas coletivas e convocam o leitor à reflexão ética e política sobre a realidade social.



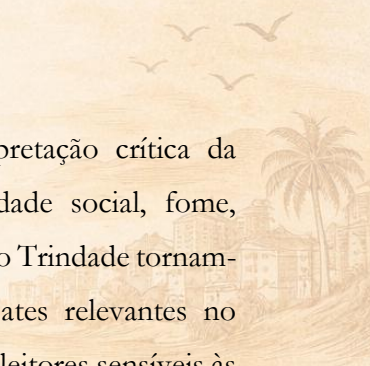


A proposta aqui apresentada busca contribuir para a ampliação do repertório pedagógico de professores que desejam trabalhar a literatura afro-brasileira no Ensino Médio, oferecendo sequências didáticas centradas na leitura de três poemas representativos da produção de Solano Trindade. As atividades sugeridas procuram estimular práticas de leitura interpretativa, análise literária e discussão crítica, possibilitando aos estudantes reconhecerem na poesia um espaço de elaboração simbólica de questões sociais, históricas e culturais.

O material foi desenvolvido em consonância com as orientações da Base Nacional Comum Curricular para a área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio. Em especial, dialoga com habilidades relacionadas à análise de textos literários, à compreensão dos contextos históricos e sociais de produção das obras e à valorização da diversidade cultural presente na literatura brasileira. Ao mesmo tempo, o produto responde às diretrizes estabelecidas pela Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas.



Nesse sentido, as sequências didáticas propostas buscam articular leitura literária, reflexão histórica e discussão social, permitindo que a poesia seja abordada não apenas como objeto



estético, mas também como forma de interpretação crítica da realidade. Ao explorar temas como desigualdade social, fome, trabalho e memória cultural, os poemas de Solano Trindade tornam-se instrumentos potentes para promover debates relevantes no contexto escolar e para estimular a formação de leitores sensíveis às múltiplas dimensões da experiência humana.

Assim, este produto educacional pretende contribuir para práticas pedagógicas que valorizem a literatura como espaço de conhecimento, reflexão e transformação social, incentivando professores e estudantes a reconhecerem na poesia afro-brasileira uma dimensão fundamental da cultura e da história do país.



Solano Trindade: vida, obra e importância na literatura afro-brasileira

Solano Trindade (1908–1974) foi poeta, dramaturgo, ator, artista plástico e ativista cultural brasileiro. Nascido em 24 de julho de 1908, no bairro de São José, em Recife, Pernambuco, destacou-se como uma das vozes mais importantes da literatura afro-brasileira do século XX. Filho de um sapateiro e de uma trabalhadora doméstica, cresceu em contato com manifestações da cultura

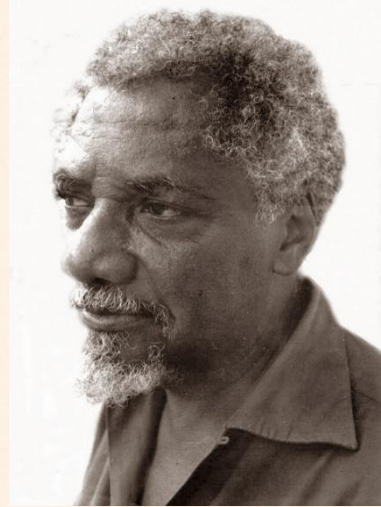
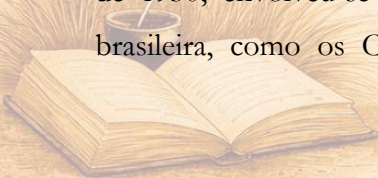


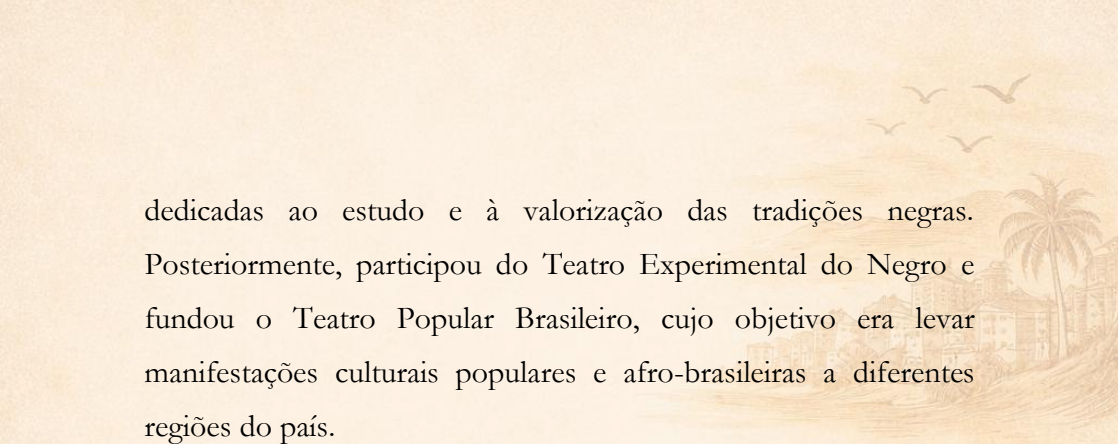
Figura 1- Solano Trindade 1967.

Fonte: <https://www.elfikurten.com.br/2015/06/solano-trindade.html>

popular pernambucana, como o maracatu, o pastoril e o bumba-meu-boi, experiências que marcariam profundamente sua formação estética e cultural.

Desde cedo, Trindade participou de movimentos culturais e políticos ligados à valorização da cultura negra no Brasil. Na década de 1930, envolveu-se em iniciativas de afirmação cultural afro-brasileira, como os Congressos Afro-Brasileiros e organizações

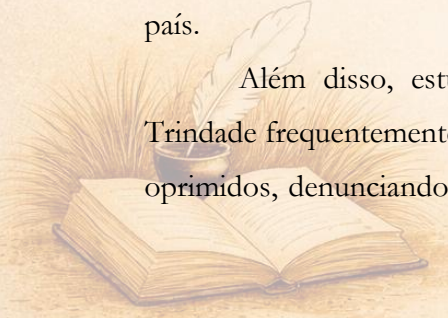




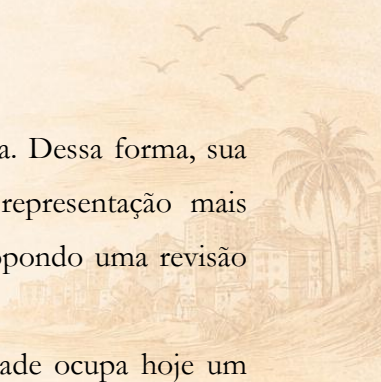
dedicadas ao estudo e à valorização das tradições negras. Posteriormente, participou do Teatro Experimental do Negro e fundou o Teatro Popular Brasileiro, cujo objetivo era levar manifestações culturais populares e afro-brasileiras a diferentes regiões do país.

Sua produção literária desenvolveu-se principalmente entre as décadas de 1930 e 1960. Entre suas obras mais conhecidas destacam-se os livros *Poemas negros* (1936), *Poemas d'uma vida simples* (1944), *Seis tempos de poesia* (1958) e *Cantares ao meu povo* (1961). Esses livros apresentam uma poesia marcada pela valorização da cultura afro-brasileira, pela denúncia das desigualdades sociais e pela representação da experiência histórica da população negra no Brasil.

A crítica literária frequentemente reconhece Solano Trindade como um dos precursores e principais representantes da literatura afro-brasileira. Seus poemas buscam recuperar memórias da diáspora africana e dar visibilidade às experiências históricas de negros e negras no Brasil, constituindo uma poética de resistência que confronta o silenciamento dessas vozes na história cultural do país.



Além disso, estudos críticos apontam que a poesia de Trindade frequentemente assume a voz dos sujeitos historicamente oprimidos, denunciando injustiças sociais e questionando imagens



estereotipadas do negro na sociedade brasileira. Dessa forma, sua obra contribui para a construção de uma representação mais humana e complexa da experiência negra, propondo uma revisão crítica dos discursos culturais dominantes.

Por essas características, Solano Trindade ocupa hoje um lugar central no campo da literatura afro-brasileira, sendo frequentemente lembrado como um “poeta da resistência” e “poeta do povo”, cuja obra articula estética, memória histórica e engajamento social.



Capítulo I: Trabalho, historicidade e desigualdade social.

Poema para leitura

Contrastes

*A madrugada é fria
e chove tanto
que a água a bater no barro
parece pranto
de mulher parida
num mau parto*

*Ouçó do meu quarto
o pisar forte
dos trabalhadores
sobre o barro mole da estrada.
vão pegar o trem das quatro*

*Mas eu levanto as sete
e já não chove*

*Toco na bomba
tomo café
leio
e vou ao armazém*

*Às dez
sigo pela estrada
vou pegar o trem
rumo ao trabalho
(E que trabalho
dirão meus irmãos trabalhadores)
Mas na praia do Flamengo
muita gente toma banho
e assim passa o dia...*



Compreensão do poema

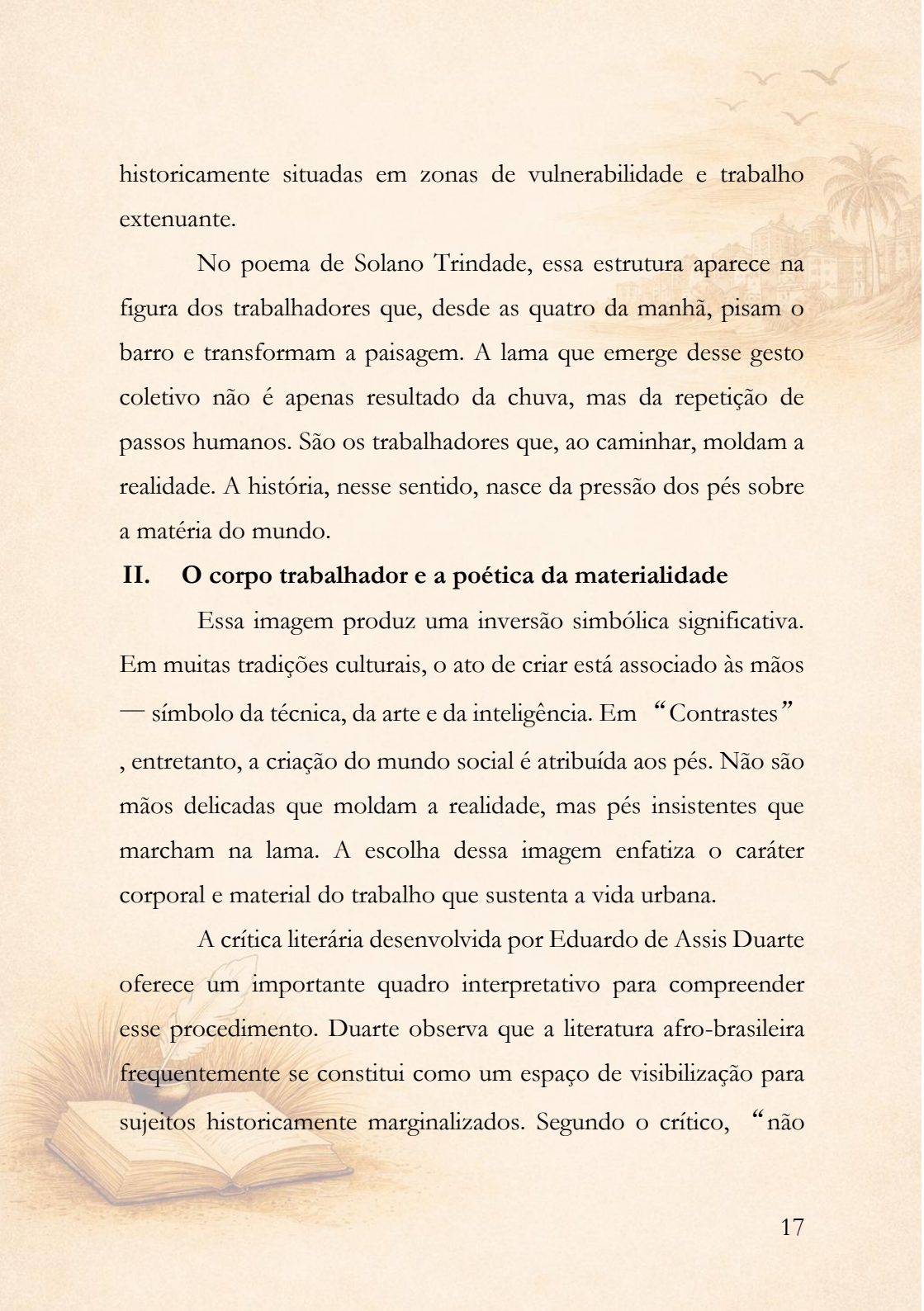
O poema “Contrastes” constrói uma reflexão crítica sobre a produção social da realidade por meio de imagens elementares e de uma organização temporal que articula mito, história e experiência cotidiana. A presença da água e do barro — elementos recorrentes em narrativas cosmogônicas de diversas tradições culturais — sugere inicialmente um cenário de gênese. Esses elementos remetem ao imaginário arcaico da origem, no qual a matéria primordial se encontra em estado de fusão e indeterminação.

Entretanto, o poema desloca radicalmente essa imaginação cosmogônica. Ao contrário das narrativas míticas em que a criação do mundo é atribuída a uma divindade ou a forças naturais autônomas, “Contrastes” apresenta uma gênese secularizada e histórica. A lama resultante da mistura de chuva e barro não é apenas fenômeno natural; ela é também produto da ação humana. A matéria informe da natureza transforma-se em realidade social por meio do trabalho cotidiano de homens pobres, cujos passos inauguram o dia antes mesmo do amanhecer.

I. Trabalho e criação do mundo social

A primeira estrofe sugere um mundo em processo de formação. A chuva que cai sobre o barro cria uma massa sem contornos definidos, evocando um tempo primordial semelhante ao instante inicial de uma cosmogonia. Contudo, esse tempo mítico não se mantém intacto. Ele é continuamente interrompido pela intervenção humana. O poema sugere, assim, a passagem do tempo da origem para o tempo da história — um tempo marcado pela repetição do trabalho e pela transformação incessante da matéria social.

Essa dinâmica pode ser interpretada à luz da reflexão de Achille Mbembe sobre as formas históricas de organização da vida nas sociedades modernas. Ao discutir os efeitos da colonialidade e das estruturas de poder herdadas do colonialismo, Mbembe observa que a modernidade produziu sistemas sociais nos quais determinados corpos são destinados a formas intensificadas de exploração e precariedade. Segundo o autor, “a expressão máxima da soberania reside amplamente no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5). Embora essa formulação trate da gestão da morte, ela também ilumina a forma como certas populações permanecem

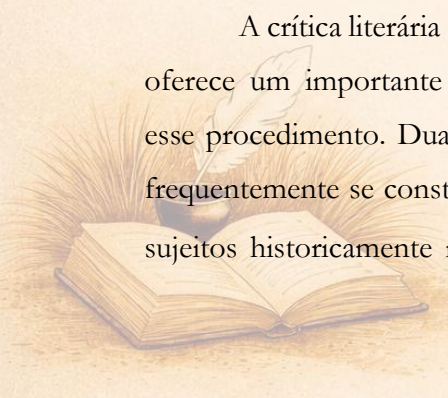


historicamente situadas em zonas de vulnerabilidade e trabalho extenuante.

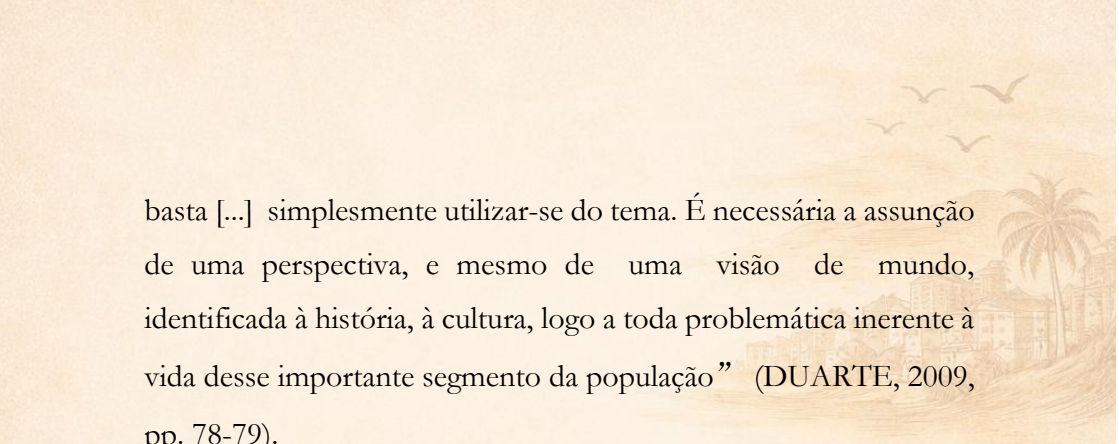
No poema de Solano Trindade, essa estrutura aparece na figura dos trabalhadores que, desde as quatro da manhã, pisam o barro e transformam a paisagem. A lama que emerge desse gesto coletivo não é apenas resultado da chuva, mas da repetição de passos humanos. São os trabalhadores que, ao caminhar, moldam a realidade. A história, nesse sentido, nasce da pressão dos pés sobre a matéria do mundo.

II. O corpo trabalhador e a poética da materialidade

Essa imagem produz uma inversão simbólica significativa. Em muitas tradições culturais, o ato de criar está associado às mãos — símbolo da técnica, da arte e da inteligência. Em “Contrastes”, entretanto, a criação do mundo social é atribuída aos pés. Não são mãos delicadas que moldam a realidade, mas pés insistentes que marcham na lama. A escolha dessa imagem enfatiza o caráter corporal e material do trabalho que sustenta a vida urbana.



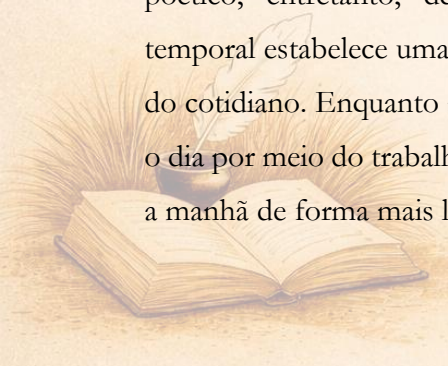
A crítica literária desenvolvida por Eduardo de Assis Duarte oferece um importante quadro interpretativo para compreender esse procedimento. Duarte observa que a literatura afro-brasileira frequentemente se constitui como um espaço de visibilização para sujeitos historicamente marginalizados. Segundo o crítico, “não



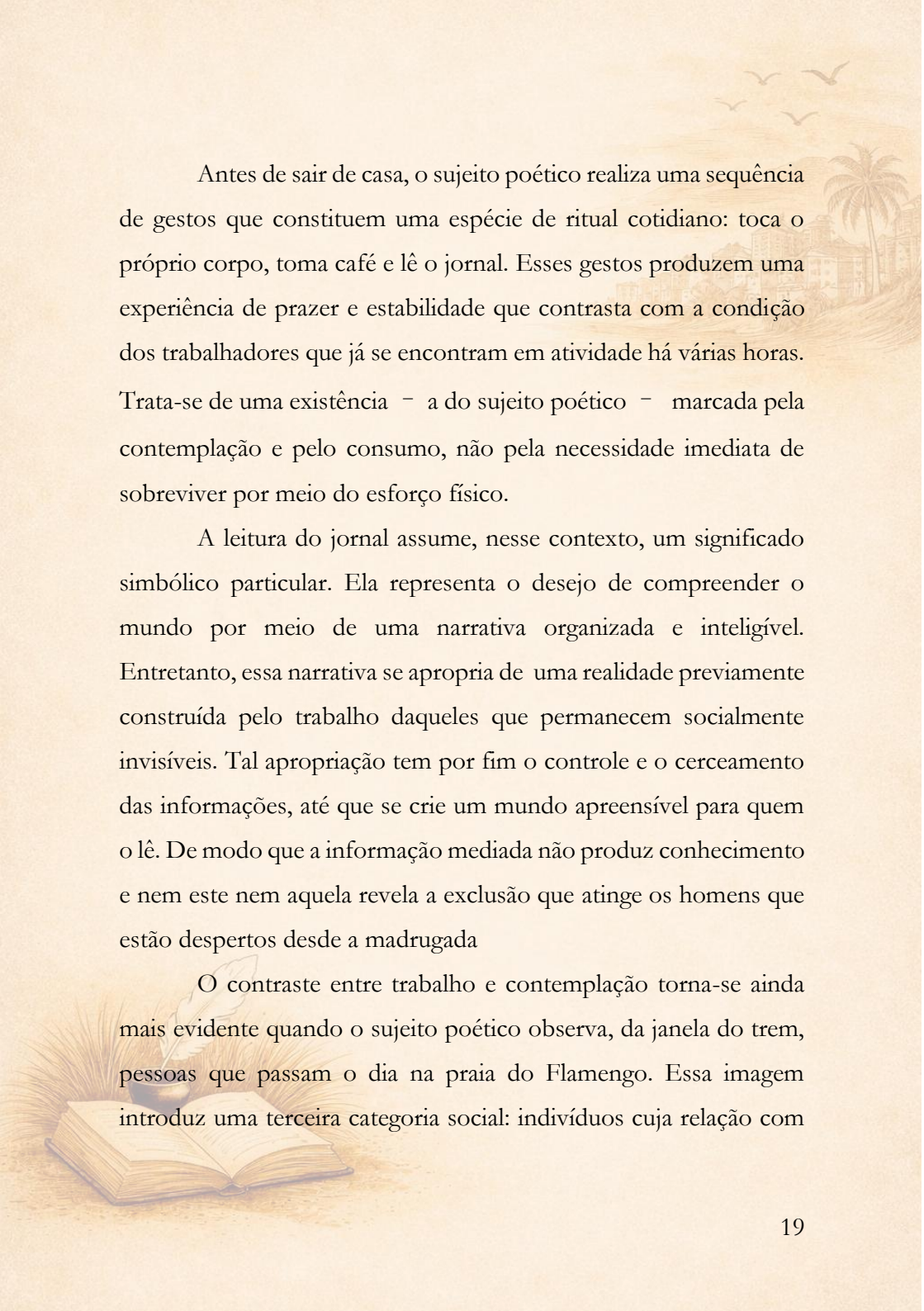
basta [...] simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva, e mesmo de uma visão de mundo, identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população” (DUARTE, 2009, pp. 78-79).

Nesse sentido, a poesia de Solano Trindade insere-se numa tradição estética comprometida com a representação das condições concretas de vida das classes populares e das populações negras. A centralidade do trabalho físico no poema corresponde precisamente a essa perspectiva estética que desloca o foco da literatura para experiências sociais frequentemente presentes na poesia contemporânea brasileira

III. Temporalidade social e desigualdade cotidiana

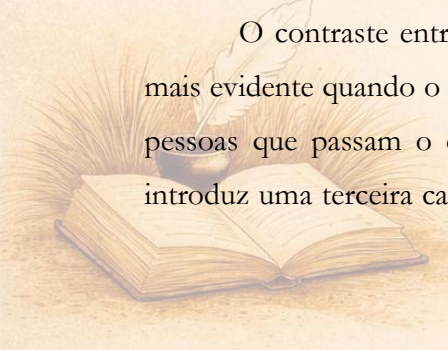


Outro aspecto relevante do poema é a organização temporal que estrutura a narrativa lírica. O dia começa às quatro da manhã com os trabalhadores que se dirigem ao trem. Esse momento marca o início da atividade produtiva que sustenta a cidade. O sujeito poético, entretanto, desperta apenas às sete. Essa diferença temporal estabelece uma hierarquia social inscrita no próprio ritmo do cotidiano. Enquanto alguns corpos estão destinados a inaugurar o dia por meio do trabalho extenuante, outros podem experimentar a manhã de forma mais lenta e confortável.

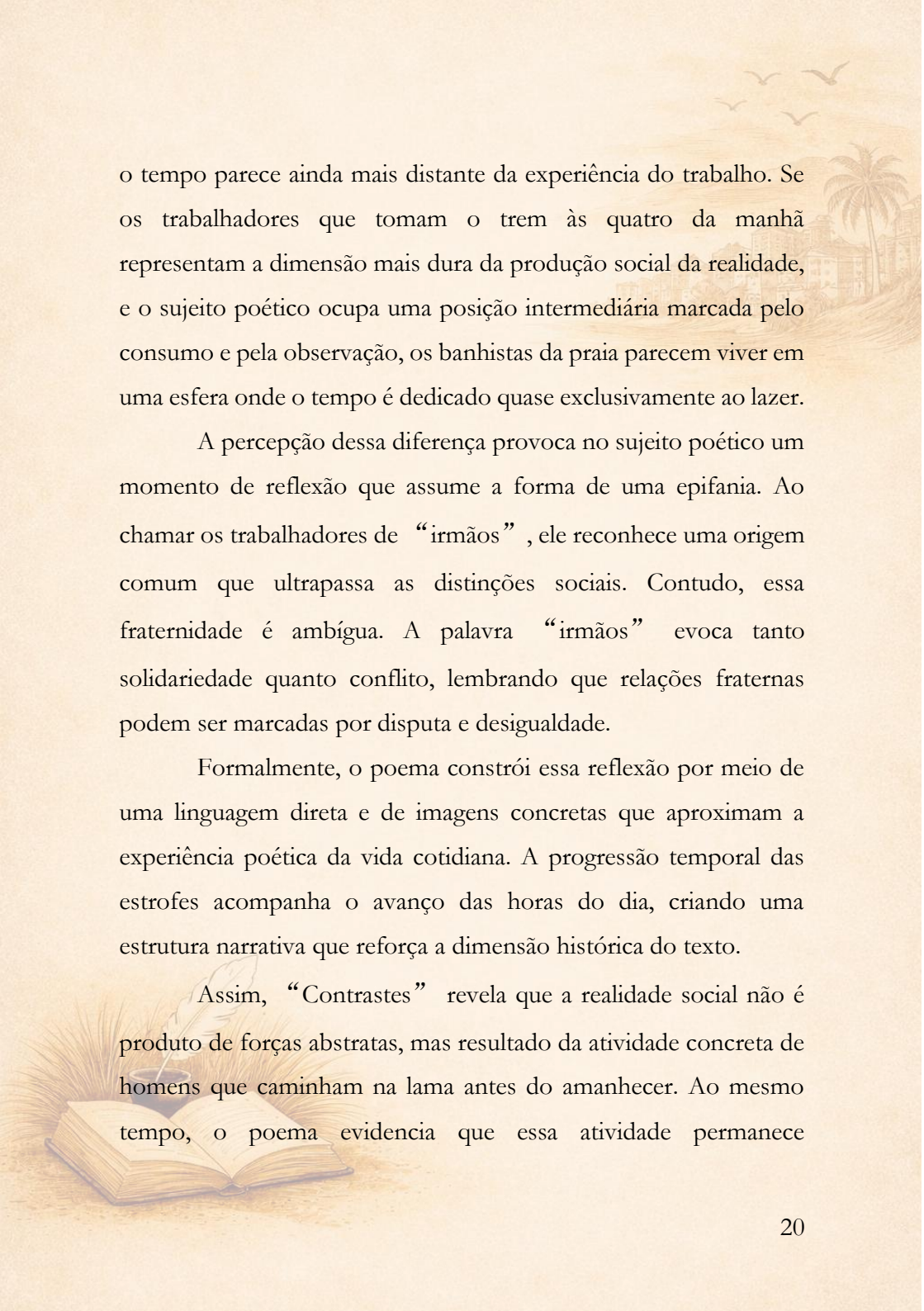


Antes de sair de casa, o sujeito poético realiza uma sequência de gestos que constituem uma espécie de ritual cotidiano: toca o próprio corpo, toma café e lê o jornal. Esses gestos produzem uma experiência de prazer e estabilidade que contrasta com a condição dos trabalhadores que já se encontram em atividade há várias horas. Trata-se de uma existência – a do sujeito poético – marcada pela contemplação e pelo consumo, não pela necessidade imediata de sobreviver por meio do esforço físico.

A leitura do jornal assume, nesse contexto, um significado simbólico particular. Ela representa o desejo de compreender o mundo por meio de uma narrativa organizada e inteligível. Entretanto, essa narrativa se apropria de uma realidade previamente construída pelo trabalho daqueles que permanecem socialmente invisíveis. Tal apropriação tem por fim o controle e o cerceamento das informações, até que se crie um mundo apreensível para quem o lê. De modo que a informação mediada não produz conhecimento e nem este nem aquela revela a exclusão que atinge os homens que estão despertos desde a madrugada



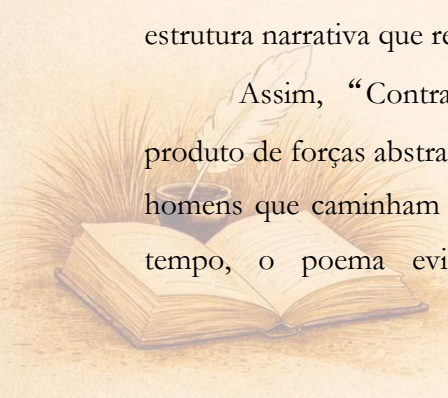
O contraste entre trabalho e contemplação torna-se ainda mais evidente quando o sujeito poético observa, da janela do trem, pessoas que passam o dia na praia do Flamengo. Essa imagem introduz uma terceira categoria social: indivíduos cuja relação com



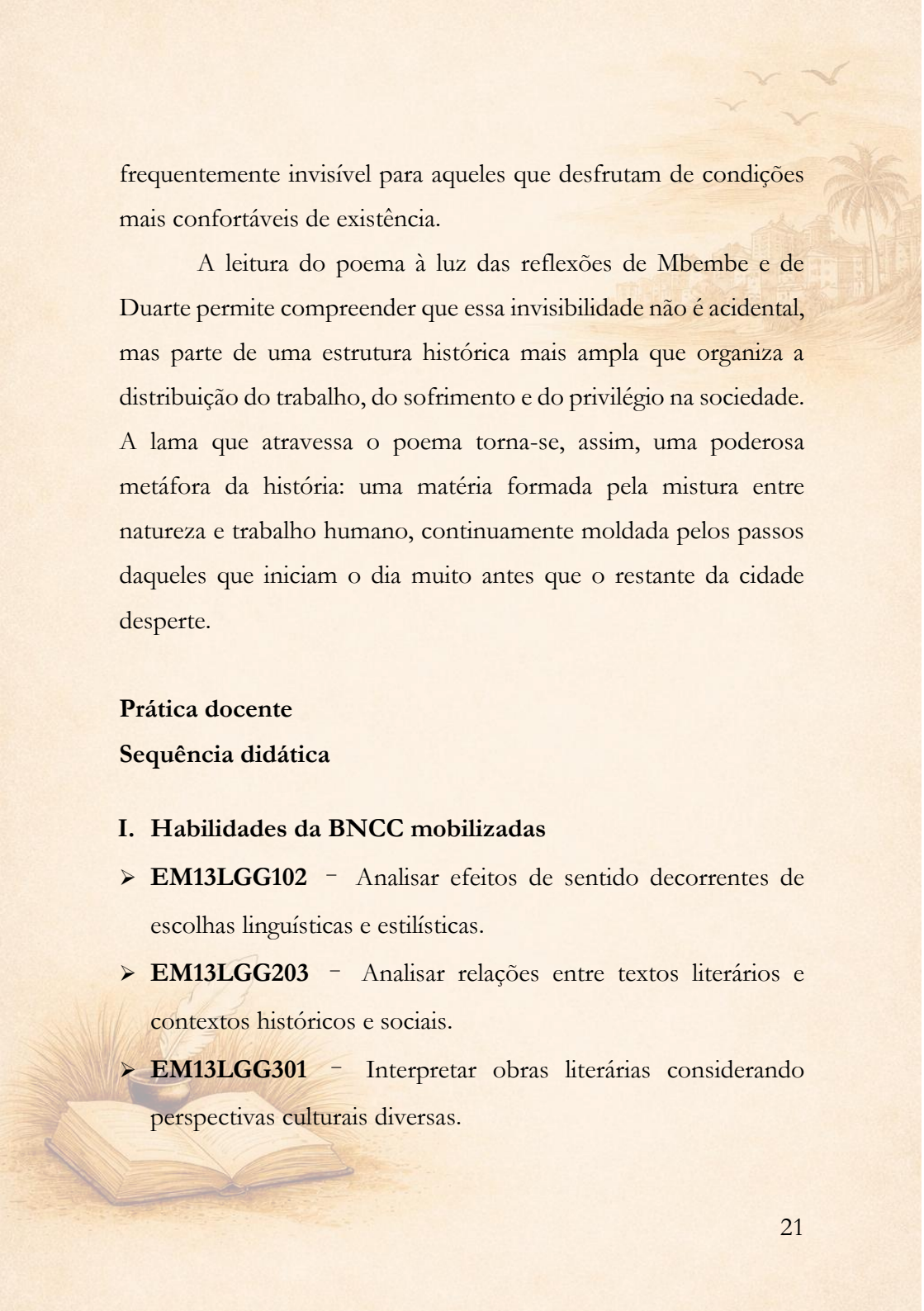
o tempo parece ainda mais distante da experiência do trabalho. Se os trabalhadores que tomam o trem às quatro da manhã representam a dimensão mais dura da produção social da realidade, e o sujeito poético ocupa uma posição intermediária marcada pelo consumo e pela observação, os banhistas da praia parecem viver em uma esfera onde o tempo é dedicado quase exclusivamente ao lazer.

A percepção dessa diferença provoca no sujeito poético um momento de reflexão que assume a forma de uma epifania. Ao chamar os trabalhadores de “irmãos”, ele reconhece uma origem comum que ultrapassa as distinções sociais. Contudo, essa fraternidade é ambígua. A palavra “irmãos” evoca tanto solidariedade quanto conflito, lembrando que relações fraternas podem ser marcadas por disputa e desigualdade.

Formalmente, o poema constrói essa reflexão por meio de uma linguagem direta e de imagens concretas que aproximam a experiência poética da vida cotidiana. A progressão temporal das estrofes acompanha o avanço das horas do dia, criando uma estrutura narrativa que reforça a dimensão histórica do texto.



Assim, “Contrastes” revela que a realidade social não é produto de forças abstratas, mas resultado da atividade concreta de homens que caminham na lama antes do amanhecer. Ao mesmo tempo, o poema evidencia que essa atividade permanece




frequentemente invisível para aqueles que desfrutam de condições mais confortáveis de existência.

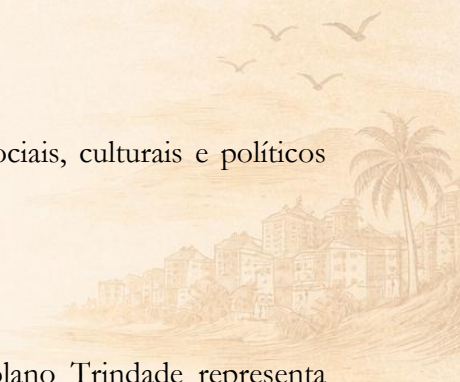
A leitura do poema à luz das reflexões de Mbembe e de Duarte permite compreender que essa invisibilidade não é acidental, mas parte de uma estrutura histórica mais ampla que organiza a distribuição do trabalho, do sofrimento e do privilégio na sociedade. A lama que atravessa o poema torna-se, assim, uma poderosa metáfora da história: uma matéria formada pela mistura entre natureza e trabalho humano, continuamente moldada pelos passos daqueles que iniciam o dia muito antes que o restante da cidade desperte.

Prática docente

Sequência didática

I. Habilidades da BNCC mobilizadas

- **EM13LGG102** – Analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas linguísticas e estilísticas.
 - **EM13LGG203** – Analisar relações entre textos literários e contextos históricos e sociais.
 - **EM13LGG301** – Interpretar obras literárias considerando perspectivas culturais diversas.
- 

- 
- **EM13LGG602** – Discutir temas sociais, culturais e políticos presentes em produções artísticas.

II. Objetivo de aprendizagem

- Compreender como a poesia de Solano Trindade representa *desigualdade social, trabalho e experiência histórica da população negra*.

III. Prática

Etapa 1 – Problematização inicial (15 min)

Professor projeta perguntas:

- Quem constrói a cidade?
- Quem acorda primeiro para trabalhar?
- Quem usufrui do tempo livre?

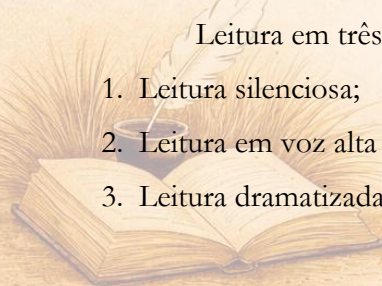
Atividade:

Alunos registram respostas rápidas em *cartões ou mural digital*.

Objetivo: ativar conhecimentos prévios sobre *desigualdade social*.

Etapa 2 – Leitura coletiva do poema (20 min)

Leitura em três momentos:

1. Leitura silenciosa;
 2. Leitura em voz alta por estudantes;
 3. Leitura dramatizada.
- 

Atividade:

Estudantes destacam:

- Imagens de trabalho;
- Referências ao tempo;
- Referências ao espaço urbano.



Etapa 3 - Análise literária guiada (30 min)

Em grupos, responder:

1. Quem aparece trabalhando no poema?
2. Como o tempo organiza a vida dos personagens?
3. Que contrastes sociais aparecem?
4. Quem tem tempo de descanso?

Cada grupo apresenta suas conclusões.

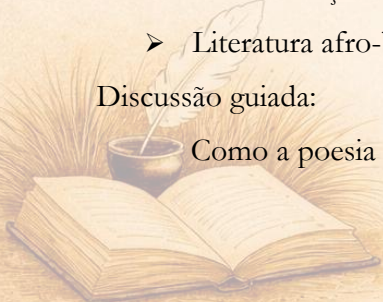
Etapa 4 - Contextualização histórico-social (25 min)

Professor apresenta breve explicação sobre:

- Desigualdade social no Brasil
- Invisibilização do trabalho popular
- Literatura afro-brasileira.

Discussão guiada:

Como a poesia pode revelar *estruturas sociais invisíveis*?



Etapa 5 - Produção textual (40 min)

Atividade:

Produção de **crônica ou poema curto**

Tema: **“Quem sustenta a cidade”**

Os textos devem:

- Narrar experiências de trabalhadores invisibilizados
- Refletir desigualdades urbanas.

IV. Avaliação

Avaliação formativa baseada em:

- Participação nas discussões
- Interpretação do poema
- Produção escrita.



Capítulo II: Denúncia social e cronotopo urbano

Poema para leitura:

Tem gente com fome

*Trem sujo da Leopoldina,
Correndo correndo,
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome...*

*Piiiii!
Estação de Caxias,
De novo a correm,
De novo a dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome...*

*Vigário Geral,
Lucas, Cordovil,
Braço de Pina
Penha Circular,
Estação da Penha,
Olaría, Ramos,
Bom Sucesso,
Carlos Chagas,
Triagem, Mauá*

*Trem sujo da Leopoldina
Correndo correndo
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome...
Tantas caras tristes,
Querendo chegar,
Em algum destino,
Em algum lugar...*

*Trem sujo da Leopoldina
Correndo correndo,
Parece dizer:
Tem gente com fome,
Tem gente com fome,
Tem gente com fome.*

*Só nas estações,
Quando vai parando,
Lentamente,
Começa a dizer:
Se tem gente com fome,
Dai de comer...*

*Se tem gente com fome,
Dai de comer...
Mas o freio de ar*

*Todo autoritário,
Manda o trem calar:
Psiuuuuu...*

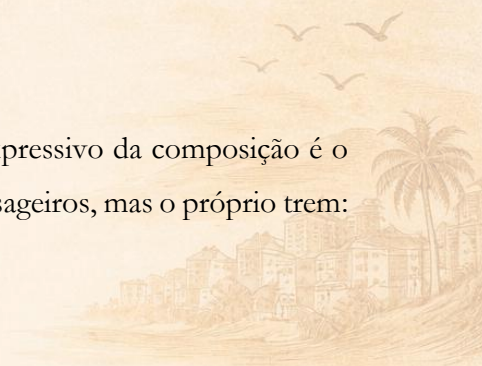
Compreensão do poema

O poema “Tem gente com fome” já anuncia em seu título o elemento estruturador de toda a composição: o refrão que se repete ao longo das estrofes. Esse refrão funciona como eixo rítmico e semântico do poema. Sua repetição regular pode ser comparada ao movimento cíclico do trem que percorre a cidade: um ir e vir contínuo que organiza a temporalidade da experiência narrada.

Entretanto, o centro temático do poema não é a regularidade das partidas e chegadas, mas a recorrência da denúncia social. O que retorna incessantemente não é apenas o trem, mas a constatação de uma realidade histórica persistente: “Tem gente com fome”.

I. A máquina que denuncia

O refrão funciona como uma espécie de onomatopeia ampliada, concebida para reproduzir o eco de um grito ouvido à distância. Ao longo do poema, essa frase retorna com insistência, transformando-se em um protesto contra a miséria social.



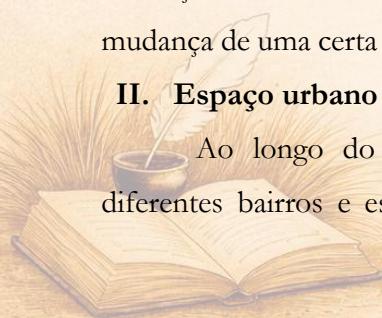
O elemento particularmente expressivo da composição é o fato de que quem “fala” não são os passageiros, mas o próprio trem:

*O trem sujo da Leopoldina
correndo correndo
parece dizer.*

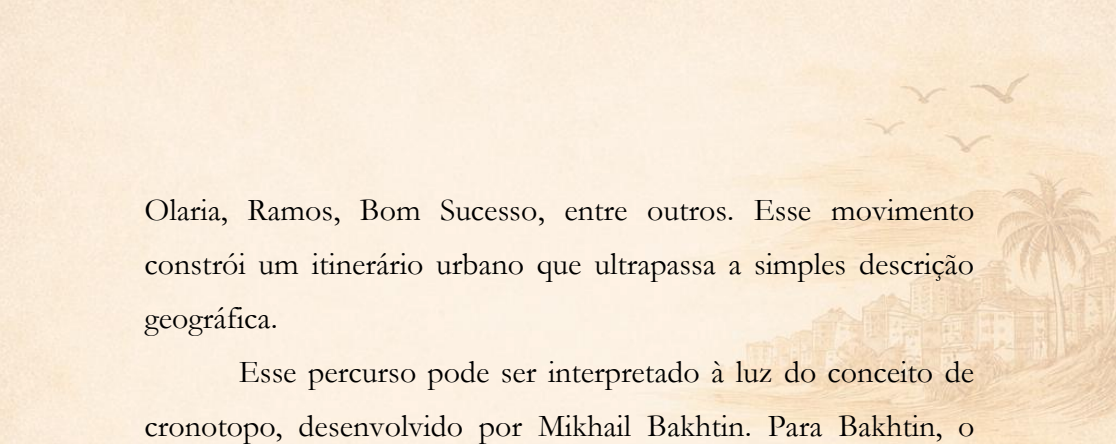
Essa estratégia poética desloca a voz da denúncia para a máquina. O trem torna-se sujeito enunciadador, como se assumisse a tarefa que deveria caber à própria sociedade. Os passageiros — consumidos pela fome — já não falam; a máquina fala por eles. A materialidade industrial do trem passa a funcionar como meio de amplificação do grito coletivo.

Essa forma de personificação da máquina pode ser compreendida no interior da tradição da poesia social moderna, na qual objetos e espaços urbanos passam a incorporar a experiência histórica dos sujeitos. Como observa Antonio Candido, ao discutir a função social da literatura, “A função social comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (Cândido, 2006, p. 54).

II. Espaço urbano e cronotopo da desigualdade



Ao longo do poema, o trem percorre sucessivamente diferentes bairros e estações: Leopoldina, Caxias, Vigário Geral,




Olaria, Ramos, Bom Sucesso, entre outros. Esse movimento constrói um itinerário urbano que ultrapassa a simples descrição geográfica.

Esse percurso pode ser interpretado à luz do conceito de cronotopo, desenvolvido por Mikhail Bakhtin. Para Bakhtin, o cronotopo corresponde à articulação entre tempo e espaço na narrativa literária, constituindo o lugar onde “em literatura, todas as definições espaço-temporais são inseparáveis umas das outras e são sempre tingidas de um matiz emocional.” (BAKHTIN, 2010, p. 349).

No poema de Solano Trindade, o deslocamento do trem cria um cronotopo urbano no qual o espaço da cidade e o tempo histórico da desigualdade se entrelaçam. O trem atravessa bairros que historicamente concentram populações trabalhadoras e periféricas do Rio de Janeiro. Ao percorrer essas regiões, ele desenha uma espécie de cartografia social da fome.

III. A multidão silenciosa

Dentro dos vagões, a presença humana aparece condensada em imagens breves e intensas:



*Tantas caras tristes
querendo chegar*

em algum destino

em algum lugar.

A repetição da expressão “em algum” revela uma indeterminação que reforça a sensação de precariedade social. O destino permanece vago, indefinido. Para os passageiros do trem, o deslocamento cotidiano não garante transformação concreta da realidade. Ir e vir deixa de significar mudança real de condição. O deslocamento físico não produz mobilidade social. O trem continua correndo, indo de estação em estação, mas a fome permanece, ela fica. Corpos se deslocam, mas nunca chegam a um lugar social melhor.

Essa dimensão da poesia como representação crítica da experiência social, composição de sons e imagens capaz de tomar uma cena trivial e extrair dela toda a sua potência política, evoca a tese de que uma literatura não é “negra” apenas por causa do tema que aborda, mas sim por “algo intrínseco, inato, algo na maneira como era organizada - as sentenças, a estrutura, a textura e o tom” (Gilroy, 2001, p. 167)

IV. O imperativo ético

Em determinado momento do poema, a denúncia assume forma explicitamente imperativa:

*Se tem gente com fome
dai de comer.*

Esse verso introduz uma dimensão ética decisiva. A frase, inspirada na formulação bíblica da caridade, transforma o poema em interpelação moral dirigida ao leitor. A construção verbal “dai” implica um sujeito coletivo implícito — um “vós” que inclui a sociedade e, em última instância, o próprio leitor.

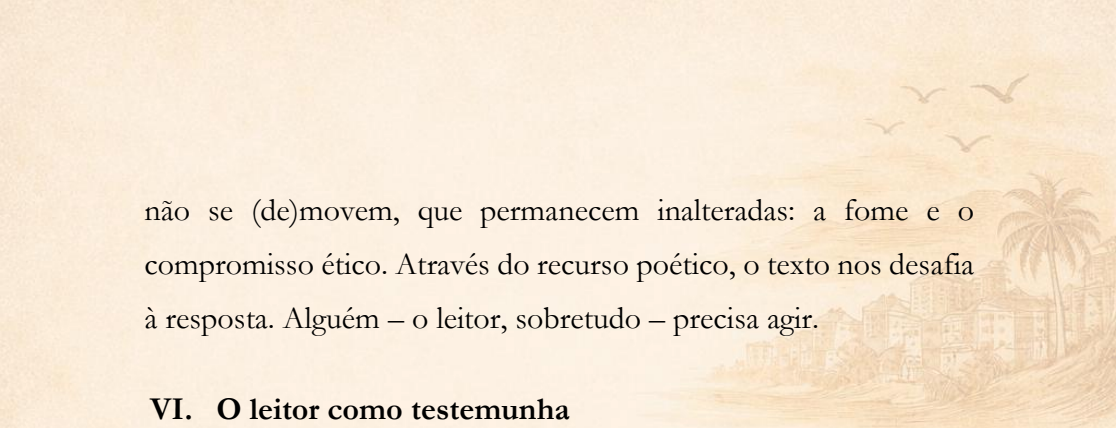
V. O silêncio imposto

No final da composição surge um elemento sonoro significativo:

*mas o freio de ar
todo autoritário
manda o trem calar
psiuuuu.*

O ruído do freio aparece como tentativa de interromper a denúncia. O som prolongado do “psiu” funciona como símbolo do silenciamento imposto à crítica social. A máquina que antes gritava agora é obrigada a calar.

Entretanto, o silêncio não é definitivo. O grito já ecoou. O refrão já se instalou na memória do leitor. Mesmo quando o trem para a denúncia permanece. Note que há duas forças opostas que



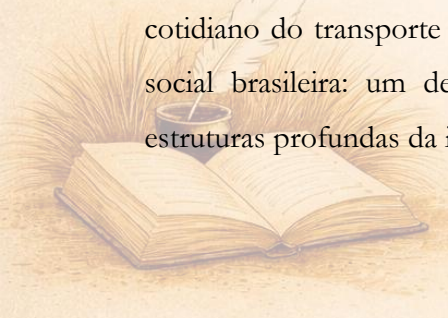
não se (de)movem, que permanecem inalteradas: a fome e o compromisso ético. Através do recurso poético, o texto nos desafia à resposta. Alguém – o leitor, sobretudo – precisa agir.

VI. O leitor como testemunha

Nesse ponto, o poema realiza um deslocamento fundamental: o leitor torna-se parte do circuito da denúncia. O grito do trem atravessa a cidade e alcança a consciência de quem lê.

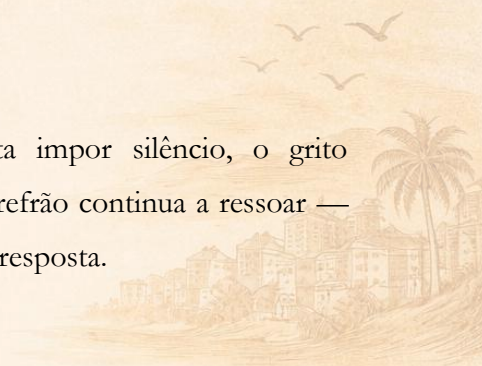
A repetição do refrão produz um efeito de memória involuntária. O verso “Tem gente com fome” continua a ecoar mesmo depois do término da leitura. Assim, o poema transforma o leitor em testemunha da desigualdade social.

Em “Tem gente com fome”, Solano Trindade constrói uma poesia profundamente marcada pela oralidade, pela repetição e pela denúncia social. O refrão insistente reproduz o ritmo do trem e simultaneamente transforma a composição em protesto contra a fome e a desigualdade.



Ao percorrer bairros periféricos da cidade, o poema revela a persistência histórica da miséria. O poema converte o movimento cotidiano do transporte urbano em metáfora da própria dinâmica social brasileira: um deslocamento contínuo que não altera as estruturas profundas da injustiça.

Mesmo quando o freio tenta impor silêncio, o grito permanece. O poema termina, mas o refrão continua a ressoar — lembrando que a denúncia ainda exige resposta.



Prática docente

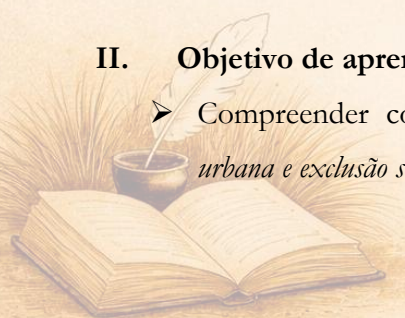
Sequência didática

I. Habilidades da BNCC

- **EM13LGG101** – Analisar recursos expressivos de textos literários.
- **EM13LGG203** – Relacionar texto literário a contextos históricos.
- **EM13LGG303** – Analisar representações sociais em textos literários.
- **EM13LGG401** – Produzir textos argumentativos sobre questões sociais.

II. Objetivo de aprendizagem

- Compreender como a poesia denuncia *fome, desigualdade urbana e exclusão social*.



III. Prática

Etapa 1 – Escuta e leitura performática (15 min)

Professor apresenta *leitura oral do poema* enfatizando o refrão.

Pergunta inicial:

- Por que o verso “*tem gente com fome*” se repete?

Etapa 2 – Identificação de recursos poéticos (25 min)

Alunos destacam no texto:

- Repetição
- Ritmo
- Oralidade
- Imagens urbanas.

Discussão:

Como esses elementos reforçam a denúncia social?

Etapa 3 – Cartografia da desigualdade (30 min)

Atividade interdisciplinar.

Estudantes pesquisam no mapa da cidade do Rio de Janeiro:

- Leopoldina
- Ramos
- Olaria

- Vigário Geral.

Pergunta:

Que tipo de regiões são essas?

Objetivo:

Compreender a **geografia social da pobreza**.

Etapa 4 – Debate social (30 min)

Tema do debate:

A fome ainda existe no Brasil?

Grupos analisam dados sobre:

- Insegurança alimentar
- Desigualdade social.

Produzem argumentos para discussão.

Etapa 5 – Produção multimodal (40 min)

Produção de:

- slam
- podcast
- vídeo curto

Tema: *“Tem gente com fome hoje”*

Os alunos devem conectar poesia e realidade contemporânea.



IV. Avaliação

Critérios:

- Leitura crítica;
- Participação no debate;
- Criatividade na produção multimodal.



Capítulo III: Canto, repetição e memória diaspórica.

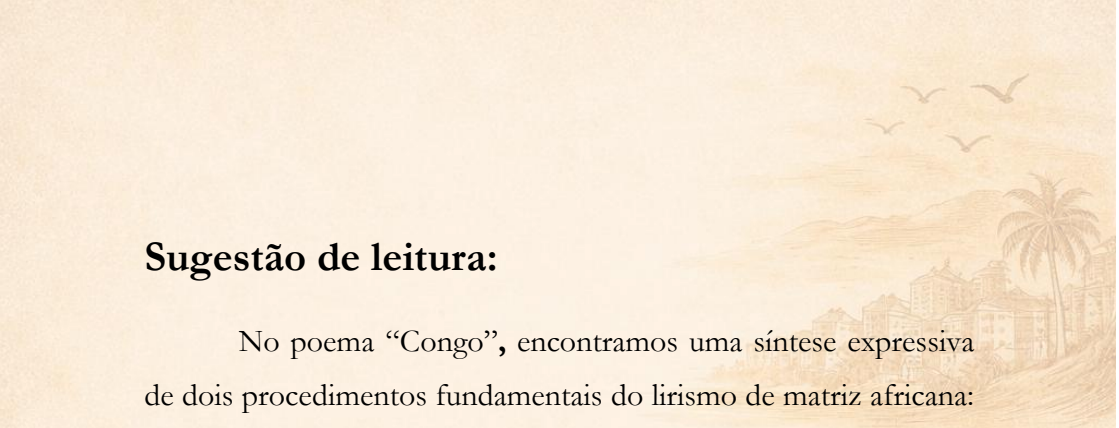
Poema para leitura

Congo

*Pingo de chuva,
Que pinga,
Que pinga,
Pinga de leve
No meu coração.
Pingo de chuva
Tu lembras a canção,
Que um preto cansado
Cantou para mim
Pingo de chuva,
A canção é assim*

*Congo meu Congo
Aonde nasci
Jamais voltarei
Disto bem sei
Congo meu Congo
Aonde nasci...*

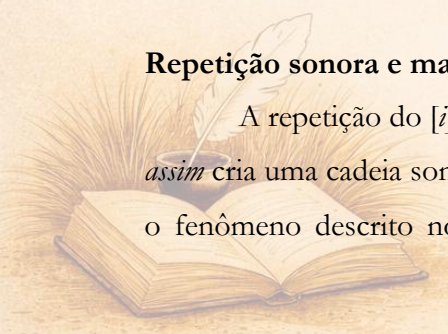




Sugestão de leitura:

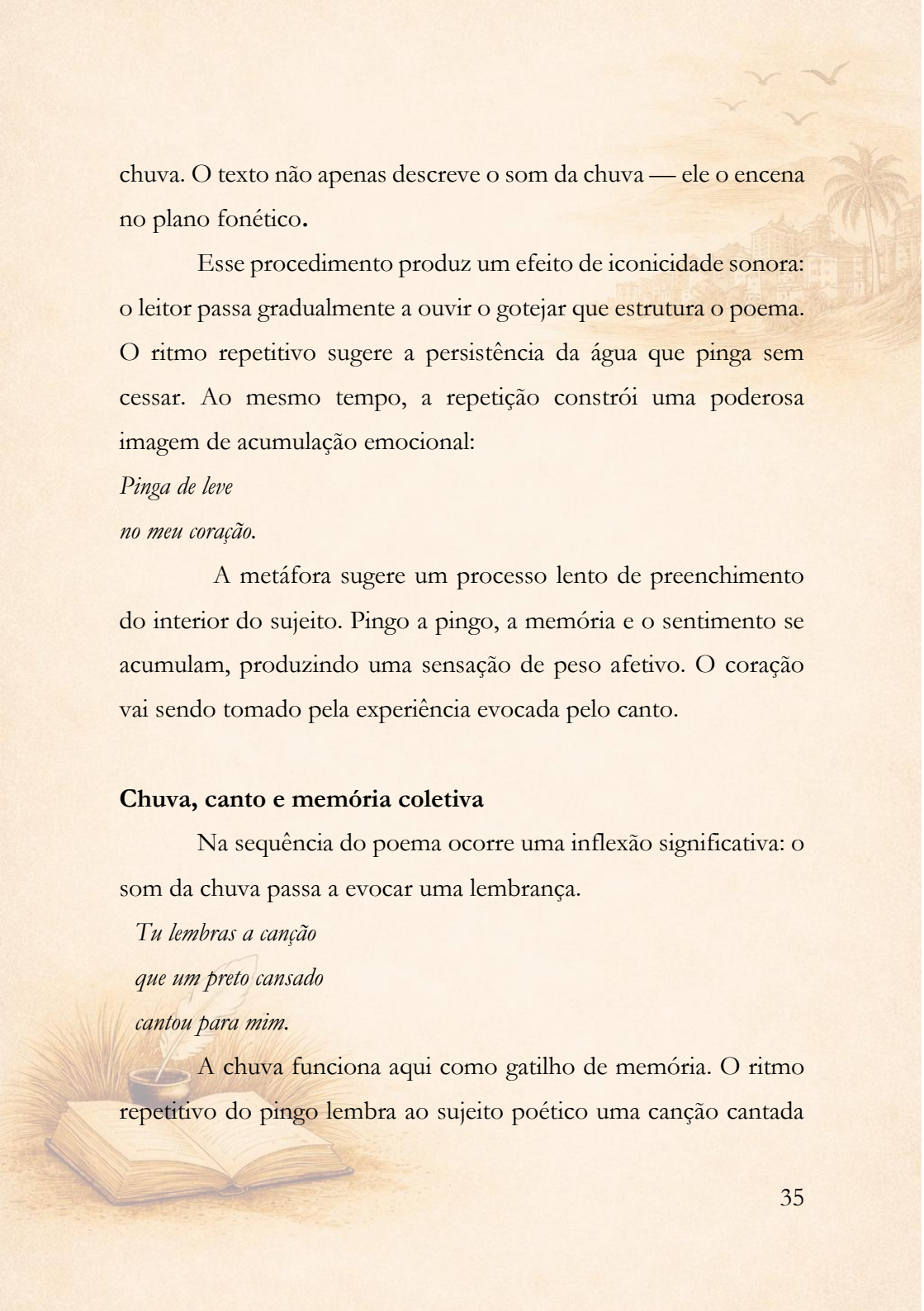
No poema “Congo”, encontramos uma síntese expressiva de dois procedimentos fundamentais do lirismo de matriz africana: a oralidade e a repetição. Esses recursos não operam apenas como ornamentos formais, mas constituem a própria estrutura estética do poema, reinscrevendo no texto escrito uma lógica cultural marcada pelo canto, pelo ritmo e pela memória coletiva.

Estudos sobre literatura afro-brasileira — como os desenvolvidos por Zilá Bernd — mostram que muitos autores negros incorporam à escrita elementos da tradição oral africana e afro-diaspórica. A repetição rítmica, a musicalidade e a cadência do verso são estratégias que aproximam o poema da experiência do canto e da recitação comunitária. Nesse sentido, o poema de Solano Trindade não deve ser compreendido apenas como texto escrito, mas como canto potencial, cuja estrutura rítmica remete às práticas culturais afro-atlânticas.



Repetição sonora e materialidade da experiência

A repetição do [ɲ] nasal em palavras como *pingo*, *pinga*, *mim* e *assim* cria uma cadeia sonora insistente que reproduz acusticamente o fenômeno descrito no poema: a queda contínua do pingo de



chuva. O texto não apenas descreve o som da chuva — ele o encena no plano fonético.

Esse procedimento produz um efeito de iconicidade sonora: o leitor passa gradualmente a ouvir o gotejar que estrutura o poema. O ritmo repetitivo sugere a persistência da água que pinga sem cessar. Ao mesmo tempo, a repetição constrói uma poderosa imagem de acumulação emocional:

*Pinga de leve
no meu coração.*

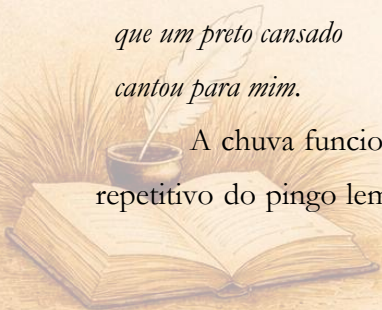
A metáfora sugere um processo lento de preenchimento do interior do sujeito. Pingo a pingo, a memória e o sentimento se acumulam, produzindo uma sensação de peso afetivo. O coração vai sendo tomado pela experiência evocada pelo canto.

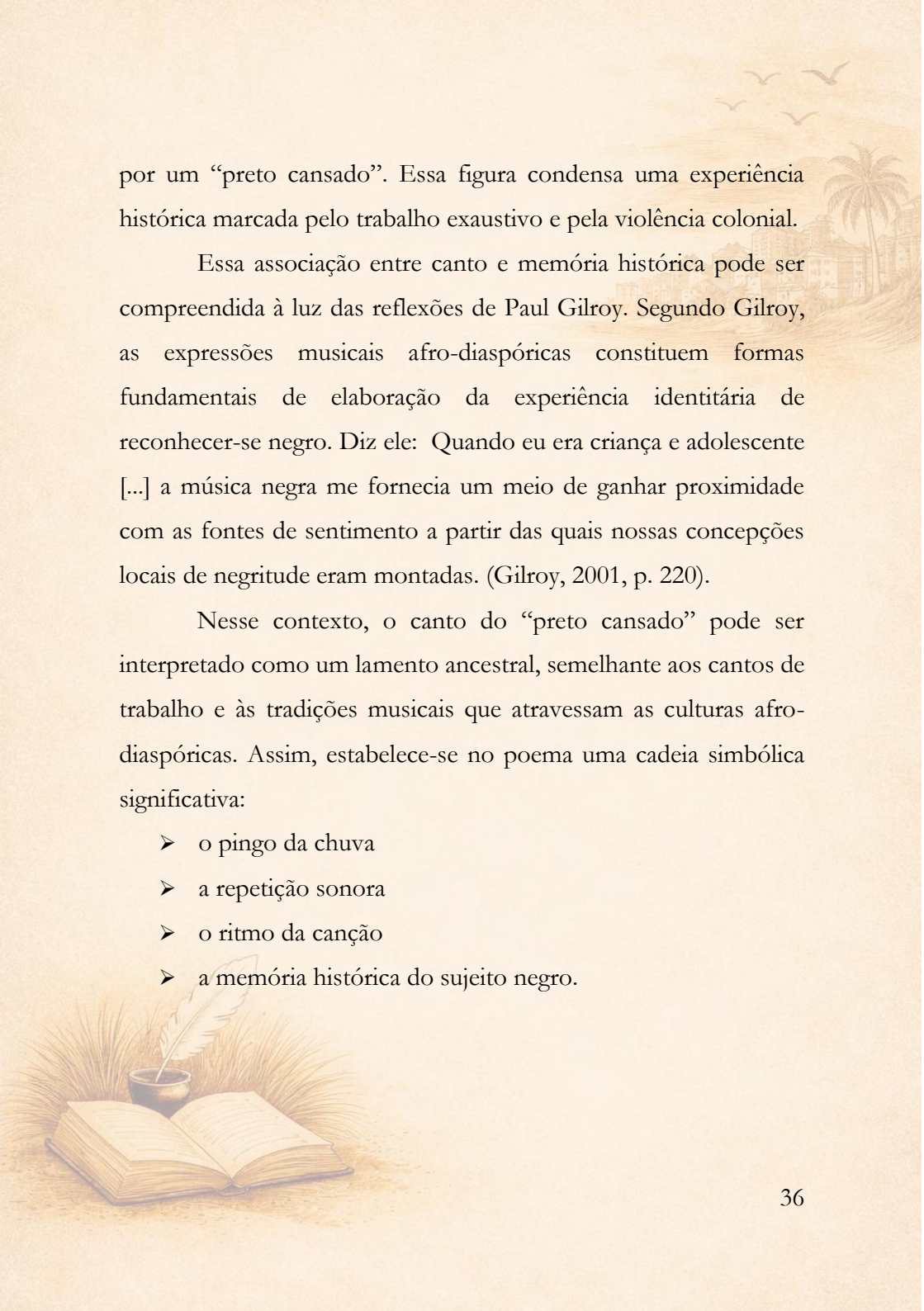
Chuva, canto e memória coletiva

Na sequência do poema ocorre uma inflexão significativa: o som da chuva passa a evocar uma lembrança.

*Tu lembras a canção
que um preto cansado
cantou para mim.*

A chuva funciona aqui como gatilho de memória. O ritmo repetitivo do pingo lembra ao sujeito poético uma canção cantada





por um “preto cansado”. Essa figura condensa uma experiência histórica marcada pelo trabalho exaustivo e pela violência colonial.

Essa associação entre canto e memória histórica pode ser compreendida à luz das reflexões de Paul Gilroy. Segundo Gilroy, as expressões musicais afro-diaspóricas constituem formas fundamentais de elaboração da experiência identitária de reconhecer-se negro. Diz ele: Quando eu era criança e adolescente [...] a música negra me fornecia um meio de ganhar proximidade com as fontes de sentimento a partir das quais nossas concepções locais de negritude eram montadas. (Gilroy, 2001, p. 220).

Nesse contexto, o canto do “preto cansado” pode ser interpretado como um lamento ancestral, semelhante aos cantos de trabalho e às tradições musicais que atravessam as culturas afro-diaspóricas. Assim, estabelece-se no poema uma cadeia simbólica significativa:

- o pingo da chuva
- a repetição sonora
- o ritmo da canção
- a memória histórica do sujeito negro.



A metáfora da chuva e o luto da diáspora

A chuva persistente pode ser interpretada como metáfora da saudade cíclica. Não se trata de um sentimento passageiro, mas de uma memória que retorna continuamente, assim como o gotejar da água.

Essa dimensão pode ser relacionada às reflexões de Beatriz Nascimento sobre identidade. Para a autora, o racismo da sociedade brasileira exige uma profunda reconexão com o passado histórico escravista para que seja formada uma memória e um senso de pertencimento dos indivíduos. Segundo ela, “A busca das origens provoca sentimentos contraditórios: o de voltar para trás, que se traduz na melancolia do banzo, mas também o de conservar e reconstruir no presente, traduzido no espírito do quilombo.” (Nascimento, 2022, p. 146).

No poema de Solano Trindade, essa origem aparece simbolicamente condensada na palavra *Congo*, que funciona simultaneamente como território africano e como lugar imaginário da ancestralidade.

Sintaxe, identidade e pertencimento

Outro aspecto relevante do poema encontra-se na construção sintática da expressão:



Congo meu Congo.

A ausência do verbo produz uma estrutura nominal condensada que pode ser expandida como:

O Congo é meu Congo.

Essa formulação cria uma relação de equivalência entre sujeito e lugar. O adjunto possessivo “meu” não indica apenas posse, mas pertencimento identitário. Além disso, a construção permite um interessante efeito de reversibilidade:

Meu Congo é o Congo.

Essa circularidade sintática reforça o movimento cíclico que atravessa todo o poema: repetição sonora, repetição da memória e repetição do canto.

Essa reconstrução simbólica da África como lugar de pertencimento foi analisada por Eduardo de Assis Duarte. Segundo Duarte, “a literatura afro-brasileira frequentemente reinscreve a África como território simbólico de memória e identidade, reatando vínculos rompidos pela escravidão” (Duarte, 2014, p. 31).

Deslocamento e perda do lugar

Nos versos finais, o poema alcança sua dimensão mais dramática:

Aonde nasci



Jamais voltarei

Disso bem sei

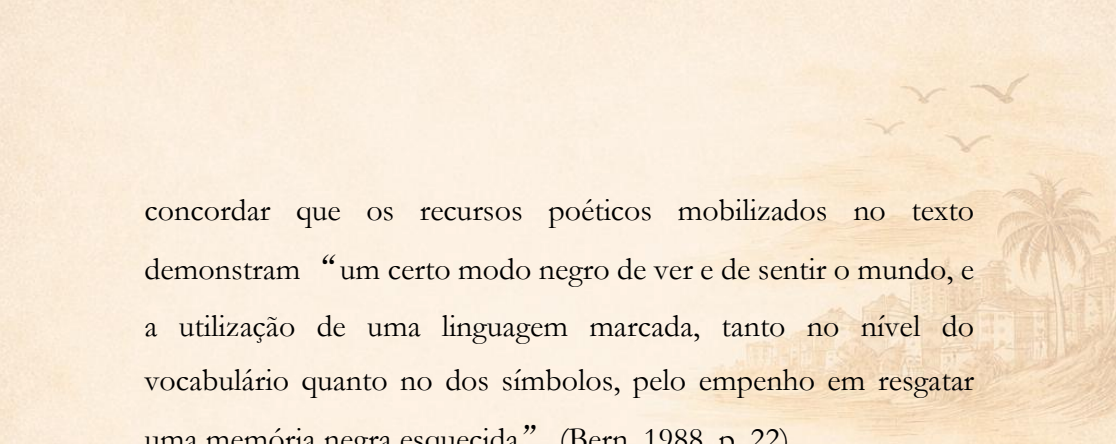
O sujeito poético reconhece a impossibilidade do retorno. O deslocamento não é apenas geográfico: trata-se de uma experiência existencial. A perda do lugar implica também uma perda parcial de si mesmo. A identidade encontra-se marcada pela ruptura provocada pela diáspora. Nesse contexto, o Congo aparece simultaneamente como:

- espaço histórico da África central;
- símbolo da ancestralidade africana;
- lugar imaginário da memória coletiva.

Em “Congo”, Solano Trindade constrói um poema de extrema economia verbal e grande densidade simbólica. A repetição sonora transforma o texto em experiência acústica; a oralidade remete ao canto ancestral; e a metáfora da chuva encena o retorno incessante da memória.

O gotejar que percorre o poema torna-se, assim, mais do que fenômeno natural: ele simboliza o ritmo persistente da memória diaspórica, que continua a ecoar no presente.

Forma estética, experiência histórica e identidade cultural se entrelaçam no poema, revelando a permanência da ancestralidade africana na sensibilidade afro-brasileira. Portanto, podemos



concordar que os recursos poéticos mobilizados no texto demonstram “um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida” (Bern, 1988, p. 22).

Prática docente

Sequência didática

I. Habilidades da BNCC

- **EM13LGG302** – Reconhecer manifestações culturais afro-brasileiras.
- **EM13LGG304** – Analisar processos de construção da identidade cultural.
- **EM13LGG502** – Valorizar diversidade cultural e étnica.
- **EM13LGG603** – Produzir textos que dialoguem com diferentes tradições culturais.



II. Objetivo de aprendizagem

Reconhecer a poesia de Solano Trindade como **expressão da memória africana e da diáspora negra no Brasil.**

III. Prática:

Etapa 1 - Ativação de conhecimentos prévios (15 min)

Pergunta inicial:

O que os estudantes sabem sobre:

- Cultura africana
- Heranças culturais afro-brasileiras?

Professor registra respostas.

Etapa 2 - Leitura do poema (20 min)

Leitura coletiva destacando:

- Ritmo
- Oralidade
- Repetição.

Discussão:

Por que a poesia se aproxima da **tradição oral africana?**

Etapa 3 - Investigação cultural (30 min)

Os grupos pesquisam:

- Maracatu;
- Congada;

- Capoeira;
- Samba de roda.

Relacione essas manifestações com o poema.

Etapa 4 - Análise crítica (25 min)

Perguntas orientadoras:

- Como a poesia preserva memórias africanas?
- Por que essa memória foi historicamente silenciada?

Etapa 5 - Produção cultural (40 min)

Estudantes produzem:

- Poema oral
- Performance
- Cordel
- Slam
- Tema: **Memória africana no Brasil.**

IV. Avaliação

Baseada em:

- Compreensão da cultura afro-brasileira
- Participação nas atividades
- Produção artística.



Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, no 2, p. 77-90, jul/dez 2009.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo: ensaios, entrevistas e prosa**. Organização de Alex Ratts. São Paulo: UBU Editora, 2022.

TRINDADE, Solano. **Poemas antológicos de Solano Trindade**. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.





Realização:



Núcleo de Estudos Afro-brasileiros | UEPA

Apoio:



ISBN 978-65-989454-4-2

